

A HISTÓRIA E O HISTORIADOR

**Prof^a Roselane
Neckel**

- Começamos com uma imagem certamente familiar a muitas pessoas; se quiséssemos fazer um filme reproduzindo passo a passo nossa vida “tal qual “ ela foi, sem deixar de lado os detalhes gastaríamos ainda uma vida inteira par assisti-lo. Repertir-se-iam na tela os anos, os dias, as horas de nossa vida. Ou seja é impossível assistir ao que se passou seguindo as continuidades do vivido, dos eventos e das emoções.

- E o que vale para nossas vidas vale evidentemente para o passado de uma forma geral: é impossível reproduzi-lo em todos os seus meandros e acontecimentos, os mais banais, tal qual realmente aconteceu. A história como toda atividade de pensamento opera por descontinuidade: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver para conhecer e explicar o que se passou.

Perspectivas Teórico- Metodológicas: O Historiador e a construção do conhecimento histórico

A Perspectiva Tradicional

O controle do material empírico garantiria como as coisas realmente aconteceram.

Positivismo

Empiricismo

Narrativa

“Temas invisíveis”

- Não aparecem temas como relações de trabalho, trabalhadores, cotidiano, tensões sociais, transgressões.
- Não se questiona sobre o porque de apresentar qualquer grupo contestador como perturbador da ordem estabelecida.
- Procura-se ocultar o conflito de classes.

“A História seria mãe e mestra”

- Defendiam a perspectiva de que a ideia do presente através do caminho percorrido no passado. Num passado coeso e único formador de uma mentalidade diferente e progressista, com um destino previamente traçado de linhas inexplicavelmente retas. Seus discursos defendiam que o conhecimento do passado de homens ilustres contribuiria para a conformação do de um presente edificador e um futuro promissor.

“O Estruturalismo Marxista”

- A estrutura econômica é a base de toda a sociedade- infraestrutura.
- As condições econômicas são as condições finalmente determinantes, porém as outras instâncias também desempenham um papel:

“Os aspectos econômicos determinam as mudanças na sociedade”

- A noção de superestrutura designa dois níveis da sociedade: a estrutura jurídico – política e a estrutura ideológica.
- A forma como os “homens” produzem os bens materiais e as relações que se estabelecem entre eles no processo de produção determinam suas ideias.

“A consciência de Classe”

- A consciência de classe antecede a luta de classes.
- A classe é um formação econômica.
- É o estudo das circunstâncias (Planetário de Althusser).

“Novas Abordagens”

- Os historiadores buscam descobrir cada vez mais o que pensavam as pessoas do passado e como era viver no passado.
- Criticam e polemizam com: a propaganda dos vencedores e também com as concepções marxistas sobre a classe operária num mero fator de produção. Que a transformavam no resultado da equação energia + vapor+ sistema industrial.

“A Escola dos Annales e a Escola Inglesa”

- Tendências mais expressivas das novas abordagens.
- Escola dos Annales
- O que mudou no ofício de fazer história? A narrativa é questionada nasce a história problema.
- Pensar a história como uma totalidade= história social.
- História das Mentalidades

História das Mentalidades

- Preocupam-se em identificar pontos de junção entre o indivíduo e o coletivo, as continuidades.
- Consideram que nas estruturas mentais as mudanças são lentas e vagarosas- longa duração das ideias.
- Ao falarem de mentalidades desprezam as diferenças de classes.

Roger Chartier- História Cultural

- Diálogo com a Antropologia Social. Saber se “popular “ é o que é criado pelo povo ou aquilo que lhe é imposto é um falso problema, conclui Chartier.
- O mais importante seria identificar as maneiras como nas práticas e nas representações se cruzam e se imbricam.

“Escola Inglesa”

- A desilusão com o determinismo econômico levou os historiadores marxistas ingleses- Edward Palmer Thompson, Cristhofer Hill, Eric Hobsbawn- a levantarem questões anteriormente bloqueadas: Experiência Social e Cultura.
- A ênfase na questão econômica havia relegado para segundo plano a cultura e as experiências sociais.

- Preocupam-se com as experiências e com a cultura das classes trabalhadoras, criticando o determinismo econômico que retirou dos “homens e mulheres” seus lugares de sujeitos da história.

“Experiência Humana”

- Experiência Humana: O termo que faltava. Os homens e mulheres também retornam como sujeitos dentro deste termo. Não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.

“Consciência de Classe”

- A consciência de classe se define na luta. Não a antecede, mas surge da luta.
- Com os termos “experiência e cultura” libertou o historiador para uma leitura mais abrangente do passado, incluindo-se sentimentos e valores.
- O estudo do homem diante das circunstâncias e não das circunstâncias.
- Não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo, desenvolvimento e trocas culturais.

- As interpretações da história inspiradas no marxismo abandonam os rígidos esquemas formais do mecanicismo estruturalista e pretendem devolver a história aquilo que Marx e Engels colocavam em primeiro lugar: a concepção da história como resultado da luta de classes, como um perpétuo tecer e destecer de equilíbrios, alianças e enfrentamentos coletivos.
- **Isto é que diferencia o historiador de um mero narrador .**

O que significou este repensar ?

- Cada momento, cada situação devem ser analisadas em seu próprios termos.
- Analisar a natureza das transformações que não só afetaram as condições de trabalho, mas sim sobre a totalidade da cultura.
- A busca da tradição revolucionária para a classe operária e seu movimento, bem como para as populações oprimidas, que caracterizou muito da produção dos historiadores marxistas estruturalistas acabou distorcendo a experiência de diversos grupos.

- Em princípio por colocar muita ênfase na questão da presença e ausência de consciência de classe na formação da classe trabalhadora.
- Assim contribuiu para relegar para segundo plano experiências importantes de atuação política de outros grupos que fizeram parte da força de trabalho em formação.

- Além disso a preocupação de acompanhar as realizações das lideranças e dos segmentos ativistas do proletariado invisibilizou o exame da vivência de outros homens, mulheres e crianças e negligenciou forças culturais importantes como os hábitos e costumes sociais dos diversos segmentos da população, a religiosidade e seu peso na formação de tradições. As experiências de viver no campo e na cidade, outros modos de viver e de morar, de se alimentar, se divertir e etc.

“À guisa de conclusão”

- Simplificando bastante a questão podemos conforme sugere Cristina Scheibe Wolff, em seu artigo “Historiografia Catarinense : uma introdução ao debate”, propõe seguir o esquema elaborado por Peter Burke (A escrita da História. São Paulo: UNESP,1992, p. 7-37) para chamar a chamada nova história da história tradicional, no qual são destacados seis pontos principais de contraste.

- 1. “Enquanto para o paradigma tradicional ‘ a história diz respeito essencialmente à política’, a nova história interessa-se em princípio por toda atividade humana.
- 2. A *história tradicional* é pensada como uma narrativa dos acontecimentos. Já a *nova história* preocupa-se com um análise, seja de estruturas, de processos, ou dos próprios acontecimentos.

- 3. Tradicionalmente a história tem sido vista de cima, ou seja, ‘tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos’.
- Muitos dos novos historiadores, entretanto, têm se preocupado com a *história vista de baixo privilegiando a experiência de pessoas comuns.*

- 4. O paradigma tradicional da história privilegia a utilização de registros oficiais, emanados do Estado e guardados em arquivos, negligenciando a utilização de outros tipos de evidência aos quais a *nova história* tem recorrido com frequência, como a história oral, as fontes iconográficas, acervos particulares etc. , que muitas vezes permitem ao historiador uma visão menos centrada nas ações do estado e das elites.

- 5. O modelo de explicação histórica do paradigma tradicional costuma se restringir à atuação de personagens colocados em evidência na documentação. A nova história tem aberto o leque de perguntas que um historiador pode fazer, preocupando-se não só com atuações individuais mas também, e talvez principalmente, com movimentos coletivos.

- 6. Para o paradigma tradicional a história deve (e pode) ser objetiva. “A tarefa do historiador é apresentar aos leitores os fatos, ou, como apontou Ranke em uma frase muito citada, dizer ‘como eles realmente aconteceram’. No entanto, este é um ideal irrealista. Por quê?

- “Nosso olhar de historiadores está sempre colocado em uma perspectiva, em uma convenção determinada por nossa cultura, língua, posição social e política. Além disso, os próprios documentos nos apresentam visões parciais dos acontecimentos do passado.”